

Leandro Gomes de Barros

O VERDADEIRO ROMANCE

O REINO DA PEDRA FINA

COMPLETO COM

O Rei Miseria e seus filhos

Prego 1\$000 reis

EDITORES

Pedro Baptista & C^a.

17, Rua 7 de Setembro, 17- Guarabira
Estado da Parahyba do Norte

1919

7 111 111 111

O EDITOR E PROPRIETARIO
RESERVA OS DIREITOS DE RE-
PRODUCCAO DE ACCORDO COM
O ARTIGO 649 DO CODIGO CIVIL.



HISTORIA DO REINO

da Pedra Fina

E' esta a real historia
Do REINO DA PEDRA FINA;
Do moço Moysaniel
E da Princeza Angeltrina
Filha do Beino Encantado
Da tenebrosa collina.

Havia um grande paiz
De nação civilisada,
Aonde tinha uma serra
De grandes pedras formada,
Diziam que lá havia
Uma princeza encantada.

A serra era muito alta,
Tinha uma grande collina,
Da serra descia um rio
D'agua muito crystalina,
Via-se escripto nas agnas:
—PRINCEZA DA PEDRA FINA.

Na serra ninguem subia,
Nem de perto se olhava
Porque do centro da serra
Vinha uma voz que bradava :
—Faça alto! quem vem lá?
Depois ás armas chamava.

Bem no cume da montanha,
Se ouvia musica tocar,
Bater palmas, gritar vivas,
Subir foguetes no ar,
Rufar tambor, tocar hymnos
E fortaleza salvar.

Disse um velho caçador
Que uma noite estando alli
Viu uma bella princeza,
Que lhe disse—saia dahi
Meu noivo está se creando
Muito distante daqui.

Em um paiz mui distante
Tinha um velho agricultor,
Que desde a sua infancia
Que era cultivador,
Elle, a mulher e tres filhos
Viviam nesse labor.

Aos primeiros raios do sol
Elles ao trabalho iam,

A mulher levava almoço
No trabalho elles comiam,
Quando regressavam á casa
Então jantavam e dormiam.

Um dia quando a mulher
Não pôde almoço levar,
Elles estavam no serviço
Sem ninguem inda almoçar,
Assim que deu meio dia
Foram todos descançar.

Dizia o filho mais velho :
—Eu só queria hoje achar
Uma sopa de verdura
Para esta fome matar,
Um pão de milho com vinho
Que eu comesse a me fartar.—

Dizia o immediato
— Eu agora só queria
Uma perna de carneiro
E assim me satisfazia,
Uma sobremeza de fructas
Que hoje mais nada eu comia.—

Disse o mais moço de todos
—Minha cousa desejada
Era que eu fosse no paiz
La da princeza encantada,

Deitar-me no collo dell';
Não desajava mais nada. —

O velho quando ouviu isso
Exclamou : oh! malcreado!
Me faltas com o respeito,
Estaes hoje insubordinado?
Deu-lhe ahi com o bastão
Que estava junto encostado.

Então o rapaz correu
Pelo mundo a procurar
Um paiz muito distante
Que o pae não o fosse buscar,
Então nas quintas do rei
Foi que poude se empregar.

O rei tinha duas pedras
Na corôa imperial,
Perdeu uma e não achou mais
Outra que fosse equal,
Tinha já gasto por isso
Uma somma colossal.

Moysaniel era o nome
Do turbulento rapaz,
Já decorriam dois annos
Que tinha deixado os paes,
Vivendo em paiz extranho
Em attribuições fataes.

O rei tinha um horteleiro
De alma muito infiel,
Egoista, ambicioso,
Faccidioso e cruel,
Levantou uma calúnia
Ao pobre Moysaniel.

Disse a sua magestade,
Que Moysaniel dizia
Que sabia aonde tinha
A pedra que o rei queria,
Mas, não gostava do rei,
Por isso não a trazia.

O rei mandou chamal-o
E lhe disse: Vá procurar
Outra pedra igual áquella,
Se acaso não encontrar,
Depois que chegar aqui,
Eu lhe mando degollar.

Sahiu elle muito triste,
Por uma deserta estrada,
Sem saber aonde fosse
Ver a pedra desejada
Foi parar casualmente,
Na dita serra encantada.

Passou com muito trabalho,
A cerca de pedraria,

Chegou á margem do rio
Que da montanha descia,
Deitou-se alli sobre a relva,
Emquanto a lua sahia.

Estava pensando na vida
Quando viu se approximar
Um veado todo branco
Vir a seus pés se curvar
E dizer : Minha senhora
Disse que fosse ceiar.

Perguntou elle ao veado :
Quem é a tua senhora ?
Respondeu-lhe : E' prohibido
Dizer quem é, e onde mora.
O veado entrou no rio,
Mergulhou e foi embora.

Elle ahi ficou pensando
Quem era aquelle veado
E que mulher seria aquella,
Que lhe mandava o recado,
Depois lhe veiu na mente,
Não fosse o reino encantado.

Olhando aquella montanha,
Tão solitaria e deserta
Viu uma furna de pedra,
De bocca enorme e aberta

E ouvia dizer de dentro
—A's armas! sentinella! alerta!

Elle olhando para a furna
Ouviu uma voz lá do centro
Que disse: —Moysaniel
Vem pernoitar aqui dentro!
Elle disse receioso:
—Demore um pouco que eu entro.

Surgiu na bocca da furna
Um lampeão de crystal,
Adeante viu noutra lampada
Sobre um meirão de metal
Escripto em lettras de ouro:
—Gabinete Imperial.

Adeante tinha noutra sala
Uma lampada accesa,
Dez jarros de porcelana
Com flores da natureza,
E um quadro onde tinha escripto:
—Guarde Deos a Sua Alteza.

Ahi uma voz lhe disse:
Preste aqui toda a attenção
Que nesta sala sublime,
Tudo aqui tem perfeição
E elle viu em madriperola
—Sala para refeição.

Estava um meirão de marfim
Com um rico toalhado,
Uma cadeira de estufa,
Um talher de ouro lavrado
Com a maior perfeição
Que já se viu no passado.

Moysaniel olhou tudo
E um só ente não viu,
Quando uma voz feminina
De junto d'elle sahiu
E deu-lhe uma pedra dizendo :
E' esta a que o rei te pediu.

Desembrulhou ahi mesmo
Um cofrinho de platina,
Tinha uma pedra embrulhada,
Num lenço de purpurina,
Com um cartão em que se lia :
—PRINCEZA DA PEDRA FINA.

—Moysaniel vae dormir, —
A mesma voz lhe dizia,
Entrou elle para um quarto
Do maior luxo que havia,
Ahi sentiu um contacto
De um corpo que ninguem via.

Ainda viu uma mão
De uma côr alabastrina,

Uns olhos grandes e vivos
De uma luz diamantina,
Viu escripto nas cobertas:
—PRINCEZA DA PEDRA FINA.

Disse-lhe a voz invisível:
—Levanta-te que já é hora,
Antes de dar meia noite
Tu te has de ir embora,
Já mandei vir um onagro
Que te vae botar lá fóra.

Não importes o que ouvires,
Nada tens que responder,
Não faças pergunta alguma
Sob pena de morrer,
Faças o que estou dizendo,
E nada te ha de acontecer.

E' prohibido eu te dizer
O quanto isto aqui é serio,
Apenas digo : esta serra
Já foi soberbo imperio,
Porém inda não é tempo
De descobrir o mysterio.

Tornou a lhe dizer a voz:
Monta-te e deixa esta terra,
O onagro sahiu com elle
Depois que desceu a serra,

Ouviu sôar meia noite
E tocar caixa de guerra.

Quando o dia amanheceu,
Já elle tinha chegado,
Foi para seus aposentos,
Pousar que estava cansado,
O horteleiro pensava
Que elle seria degolado.

Dormiu até ás dez horas,
A's onze se levantou,
Deu um passeio pela rua,
Foi ao hotel, almoçou,
Disse:—agora vou levar
O que o rei me encommendou.

Pediou licença e subiu
Já com a pedra na mão,
O rei quando viu a pedra
Cousou-lhe admiração,
Elle perguntou ao rei:
—Será esta a pedra, ou não?

—E' esta: o rei respondeu,
Estou-lhe muito obrigado,
Lá no thesouro já tem
Um dinheiro separado
Vá receber dois milhões
Em paga de seu achado.

O horteleiro que estava
Toda conversa escutando,
OuvIU tudo que o rei disse,
Voltou em brazas pisando,
Dizendo com seus botões:
—Eu estava bem me enforcando.

Então se põe a estudar
O que havia de fazer,
Estudando outra calumnia
Que não deixasse de ser
O plano mais acertado
Para Moysaniel perder.

E maquinou como um cão
Um plano muito nefando,
Escumando enraivecido
Elle foi logo estudando
Para convencer o rei
Do moço estar enganando.

E foi á presença do rei
Pedindo a pedra para ver,
Examinou-a e depois disse:
—Vossa Alteza pode ter
Toda certeza se é bôa
Mandando o outra trazer.

E examinando a pedra,
Disse o horteleiro, é bôa,

Mas inda ficava melhor
Com outra no centro da corôa,
Só tendo as duas da frente
A cravação ficava á tôa.

Dizia o tal horteleiro :
Sua Real Magestade
Obrigue a elle vêr outra
Dessa mesma qualidade,
Diz elle que onde achou esta
Deixou grande quantidade.

E tanto illudiu o rei,
Que este mandou chamar,
Moysaniel e lhe disse :
Você tem que procurar
Outra pedra egual a essa,
Ou morrer se não achar.

Moysaniel ficou triste,
Sem saber o que fizesse,
Tornar á serra encantada,
Dêsse o caso no que dêsse,
Depois dizia comsigo :
—Quem sabe o que me acontece.

Se eu não fôr procural-a
O rei manda me enforcar; •
Se eu fôr á serra encantada
Estou no risco de encontrar

Qualquer phenomeno alli
Que venha me liquidar..

Porém minha sorte é esta
Já vê que ha de ser cumprida,
Pelo carrasco da morte
Minha sentença foi lida.
Me largarei pelo mundo
Buscando a morte ou a vida.

Não consultou a niguem
Por onde devia seguir;
Dizia comsigo mesmo,
Pelo caminho que partir
Inda sendo errado, é certo,
Ando até me concluir.

Então ahi se largou!
Por uma deserta estrada,
A' noite deu com uma casa,
Mas esta deshabitada;
Ouviu uma voz lhe dizer:
Que vens ver nesta morada?

Disse elle: eu venho perdido
Não conheço estas estradas.
Então uma voz lhe disse:
—Este sitio é de tres fadas
Aqui existe um enyigma
E cousas que são reservadas...

Ahi veiu uma mulher
Perguntando aonde estás?
Por uma pequena asneira
Tu despresaste teus paes,
Andas mettido em segredo
Fortuna não terás mais.

Tu fostes o cavalheiro
Que foi á serra encantada?
Que recebeu um presente
De uma pedra desejada?
Por uma mão invisivel
Que ficou apaixonada?

Disse elle—fui eu mesmo
Que recebi o presente
Daquella mão benfeytora
Que encontrei casualmente.
Ella livrou-me da morte
Que me esperava cruelmente.

Disse-lhe a dita mulher :
—Faça-se disso esquecido,
Aquella mão encantada
Que tanto te tem illudido,
Será ella toda a origem
Porque serás destruido.

Disse-lhe então : venha cá,
Veja não trôe as pisadas;

Entrou com elle num quarto
Mostrou-lhe alli tres espadas
E lhe disse: estas aqui
São tres irmãs encantadas.

A mulher quiz encantal-o
Em um animal grutão,
Não poude, devido elle
Ter um Signo-Salomão
Que não havia esse magico
Que n'elle puzesse a mão.

Ella depois lhe disse:
Não prosiga esta jornada,
Fique aqui, nós o guardamos,
E não lhe faltará nada
Com a condição de você
Não ir á Serra Encantada.

Então elle ahi pensou
Depois da fada ir embora:
— Não devo ficar aqui,
Hei de seguir mesmo agora,
Me considero perdido
Não admitto demora.

Seguiu por um vasto campo,
Era um deserto esquesito...
Não havia um arvoredro
Que sedissesse: é bonito!

Se via lá uma ou outra
Estrella no infinito.

Tinha a noite terminado,
O dia vinha rompendo
Quando elle achou um leão
Prostrado no chão, gemendo,
Com um tiro de um caçador
A féra estava morrendo.

Elle chegou ao leão
Deu-lhe agua, elle bebeu,
Tirou a carne que trazia
Deu á féra e ella comeu;
Depois buscou uma sombra
Fez um fogo e se aqueceu.

Ao cabo de quatro dias
Chegou na Serra Encantada.
Passou a cerca de pedra
Seguiu por uma esplanada,
Da comida que trouxera
Não lhe restava mais nada.

Chegando á margem do rio
Na campina se deitou,
Adormeceu de repente
E com uma joven sonhou,
Cuja visão deste sonho
Do lethargo o despertou.

Elle despertando alli
Inda viu uma figuraz;
Como não julgou que houvesse
Corpo de tanta cándura,
Perguntava elle a si proprio:
Quem fez tanta formosura?

Seria Deus a proposito
Que fez aquella deidade?
Só Deus póde fazer um ente
Com tamanha raridade,
Um anjo que póde ter
Vinte e dois annos de idade!...

Então perguntava elle:
Quem és tú? linda menina!
Humana sei que não és,
Serás miragem divina?
Respondeu: Sou a Princeza
Do REINO DA PEDRA FINA.

—Entra para a mesma sala,
Onde estivestes outro dia.
Elle passou todas as salas
Que dentro da casa havia,
Adeante deu num salão
E a mesma voz lhe dizia:

—Te approxima d'esta mesa
E faz uma refeição.

Tinha muitas iguarias
De fructas, vinhos e pão,
Viu a sombra de um copeiro
A' sua disposição.

Disse-lhe a voz invisivel :
Nada pódes perguntar,
Como tambem eu a ti
Não posso nada explicar,
Tua fortuna está perto,
Não custa muito chegar.

Toma a pedra que o rei te pede
Entrega-lhe e vem embora,
Está um onagro, monta n'elle
Que irá deixai-e lá fóra,
Lá, peças licença ao rei,
E voltes sem ter demora.

Voltou elle com a pedra
Deu á Sua Magestade
E disse : eu quero licença
Para deixar a cidade,
Estou prompto para servir-o
Em qualquer necessidade.

E sahiu sem ter demora
Foi ter na casa das fadas,
Ellas não estandó presente,
Elle roubou as espadas,

As quaes, a fada lhe disse
Serem moças encantadas.

Assim que elle fez o roubo,
Sahiu d'alli escondido,
Correu a noite e o dia
Pelas fadas perseguido,
Então deu com o leão
Que tinha achado ferido.

O leão sahiu com elle
Para ninguem offendel-o,
Uma fada vinha atraz
Passou e não pode vel-o,
Devido ao leão deitar-se
Encobriendo-o com o seu pello.

No pé do Monte Encantado
Ahi o leão parou,
E pela cerca de pedras
Elle com pressa passou.
Uma fada vinha atraz
Viu elle entrar e voltou.

Quando elle avistou o rio
As tres espadas tiniram,
Rufou tambor na montanha,
Muitos foguetes subiram,
O rio parou as aguas,
Todas as pedras sorriram.

Ahi chegaram tres moças
Que inda vinham encantadas,
Elle ahi viu claramente
Dessas tres recent-chegadas,
Uma sombra que sahiu
Desmanchou as tres espadas!

Quando as espadas se sumiram
Tres moças se apresentaram,
Todas tres com cortezia
A elle cumprimentaram,
Dizendo: nestas espadas
Tres fadas nos encantaram.

Então, disseram as tres moças,
Nós estamos desencantadas,
Porque os nossos mysterios
Estavam nas tres espadas,
Que ha mais de tres mil annos
Estavam em poder das fadas.

As fadas tambem levaram
Daqui, o sceptro real,
A corôa de meu pae,
Tambem levaram, afinal,
Appareça o desencante
Que cessa aqui todo o mal.

Mas isto está tão occulto
Que ninguem pôde encontrar,

As fadas esconderam elles
Para ninguem mais achar,
Moysaniel disse: eu vou
Fazer geito de encontrar.

Sahiu, adeante encontrou
A tribulação de um rato
Que já estava quasi morto
Nas presas de um grande gato,
Elle torrou o ratinho
E soltou logo no matto.

Então o rato lhe disse:
—Se precisares de mim,
Chega no pé d'este monte
E basta dizer assim:
—Ai! de mim, rato das neves;
Seras servido por fim!

Adeante estava um tatū
Entre tres pedras morrendo,
Elle tirou as tres pedras
Que o peso estava fazendo,
E disse-lhe: vá embora!
O tatú sahiu correndo.

Adeante o tatu parou
E disse: se inda se vir
Em qualquer tribulação,
Vendo que o posso acudir,

Chame por mim neste campo
Que não tardarei a vir.

Depois achou um carneiro
Dentro do mar se afogando,
Entrou n'agua, tirou elle,
E disse—fique pastando,
Eu tambem sou como tú
Ando no mundo vagando.

Então o carneiro lhe disse :
Se algum dia precisar
De mim para qualquer cousa,
Póde vir que me ha de achar,
Eu moro aqui neste campo
Querendo póde chamar.

Estava Moysaniei
Perto de uma encruzilhada,
Observou a conversa
De um genio com uma fada,
A fada contou ao genio
Tudo da Serra Encantada.

Disse que o sceptro e corôa,
Estavam em logar reservado
Porém estavam n'uma cova
N'um quarto muito trancado,
Não havia quem lá entrasse,
Por estar muito vigiado.

A cova dos objectos
Tinha uma enorme fundura,
E as paredes do quarto
Tinham um metro de grossura.
Tambem tinha um cão de fila,
Sentinella bem segura.

Tinha uma cobra de bronze
Que ajudava á pôr sentido
E quem quer que fôsse lá
Era por ella engolido.
O cão entre os animaes
Era sempre o mais temido.

Moysaniel ouviu tudo
Que a fada ao genio dizia
E disse:—hei de me arriscar
Até descobrir um dia!...
Lembrou-se então das promessas
Que o rato sempre fazia.

Foi ao rato e ao tatú,
Contou o que era passado,
Foi aonde estava o leão
E lhe disse: estou vexado,
Então o leão lhe disse:
Tem ás ordens um creado.

Então os tres combinaram;
O tatú, o rato e o leão,

Disse o rato—eu puxo o sceptro,
O tatú—eu cavo o chão,
O leão disse—e eu acabo
Com a serpente e o cão.

Botaram-se para lá ;
O leão, logo investiu,
O carneiro foi á porta
Com uma marrada a abriu,
O leão matou o cachorro
E a serpente fugiu.

O tatú minou a cova,
O sceptro, o rato puxou,
A corôa que estava junto
O tatú a arrastou,
Então de dentro uma voz
Lhes disse : desencantou !

Começa aqui meu leitor
A conclusão dessa historia,
O combate que elle teve
Para alcançar a victoria,
Como elle casou com ella
Por causa de uma memoria.

Moysaniel quando viu
Todos os objectos fóra,
Abraçou todos os bichos
Lhes dizendo : eu vou embora,

Parece que todo o enygma
Foi desencantado agora.

Os bichos se retiraram
E Moysaniel seguiu,
Adeante encontrou o onagro
Montou-se n'elle e sahiu,
Chegou na cerca de pedra
Ahi o monte sorriu.

Desembrulhou a corôa
E o sceptro que trazia,
Ahi ouviu um estrondo
E uma voz que dizia :
Acabou-se todo o encanto
Que aqui n'este reino havia.

Moysaniel viu então
Se transformar o oiteiro,
A montanha era uma praça,
O rio era um banheiro,
O onagro era um criado,
O veado um jardineiro.

Agora vamos tratar
Do resultado que deu,
O rei o que disse a elle
Quando tudo recebeu,
E como a Moysaniel
Esse rei agradeceu.

Quando o rei desencantou-se
Viu que Moysaniel vinha
E a corôa e o sceptro
Moysaniel já os tinha,
Ficou ahi como louco
Deu parte logo á rainha.

Vieram encontrar com elle ;
O rei contente, vexado,
Moysaniel tirou tudo
E se pondo ajoelhado,
O rei tomou-lhe das mãos,
Nem disse muito obrigado.

Depois chegaram tres moças
Cada uma, o abraçou
Disse a mais velha de todas
A's tuas ordens estou.
Que meu pae queira quer não
A mão de esposa te dou.

Chamavam-se essas tres moças
Algra, Lupi e Angeltrina,
Angeltrina era a mais velha,
Parecia ser divina,
Era a que tinha direito
Ao REINO DA PEDRA FINA.

Então Angeltrina disse :
Se meu pae quizer se oppôr,

Você não saia d'aqui
Eu serei a teu favor,
Me casarei com você,
Seja por qual forma fôr.

Puxou do seio uma caixa
Onde tinha uma memoria,
Entregou-a a Moysaniel
Dizendo: eis uma gloria,
Emquanto tiveres esta
Pódes contar com a victoria.

A memoria era de ouro
Cravada com pedrarias,
A qualquer hora da noite
Tinha o clarão de tres dias,
E lhe disse então: essa tem
O que tú não avalias.

Angeltrina foi ao rei
Com calma lhe perguntou:
Meu pae, o que dá ao homem
Que o reino desencantou?
A morte!—o rei respondeu:—
E' o premio que eu lhe dou.

Oh! meu pae! exclamou ella
Isso é muita ingratidão.
Moysaniel lutar tanto
E ter tal gratificação,

Uma pena tão cruel,
Isso é não ter coração!

Meu pae, se lembre que disse
Que se pudesse encontrar
Quem desencantasse o reino
Tinha de o gratificar,
Com uma de suas filhas
Elle havia de casar?

Então exclamou o rei:
Achas que eu devo casar
Uma das filhas que tenho
Sem primeiro consultar
De quem procece este homem,
Se é de sangue, ou titular?

Sem saber se sua origem
Seja de sangue real?
Hei de casar minha filha
Com pessoa desigual?
Sem ser de linhagem nobre,
Fazendo assim, obro mal!

Exclamou ella: meu pae!
Existe ahí um motivo,
A distincção de um monarcha
Só é emquanto elle vivo,
As cinzas de um soberano
São as mesmas de um captivo.

Disse a rainha : eu agora
Preciso entrar nesse meio,
Como casa uma princeza
Sem saber de onde veiu
Esse que a vae desposar?
Para um monarcha, isto é feio.

Disse Angeltrina : tambem
Se ahi meu pae reflectisse
Minha mãe como rainha
O contracto não anuisse;
E' desairoso um monarcha
Tornar d'aquillo que disse.

O rei levantou-se e disse :
Eu não hei de despensar
Se, você lhe prometteu
De a mão de esposa lhe dar,
De hoje em deante pense n'outro,
Eu o mando degollar,

Angeltrina retirou-se
Com essa taça de fél
E mandou rapidamente
Dizer a Moysaniel,
Que o rei lavrou para elle
Uma sentença cruel.

Mandou lhe dizer tambem
Que não largasse a memoria,

Que emquanto tivesse ella
Teria certa a victoria
E não perdesse a esperança
Que alcançaria esta gloria.

Moysaniel consultou
Com a memoria que tinha
E a memoria lhe disse
Como seu carrasco vinha,
Deu-lhe uma folha de matto,
Uma pedra e uma varinha.

Disse a memoria : esta folha
Fórma uma matta escura,
Esta varinha uma cobra
De pelle caspenta e dura,
E esta pedra um leão
De gigantesca figura.

Quando foi no outro dia
O rei viu que era hora,
Disse a um general d'elle
Chame praça e vá agora,
Prender a Moysaniel
E pôr-lhe a cabeça fóra.

Moysaniel a esta hora
Ainda estava deitado,
Quando ouviu bater na porta
E lhe dizer um soldado :

Moysaniel se levante,
Você vae ser degolado.

Elle pegando a varinha,
Disse: quero uma serpente!
Apresentou-se uma cobra
Grossa monstruosamente
Com sete linguas na bôcca
E em cada lingua um dente.

O general correu logo
Com a força que levou,
Chegou sem puder falar
Nem dizer o que encontrou.
Quando disse tudo ao rei
Elle em ouvir se assombrou.

Disse a outro official
Que levasse um batalhão,
Elle foi e chegou lá
Annunciou-lhe a prisão,
Moysaniel disse á pedra
Quero de ti um leão.

Ahi cresceu um leão
Rugindo com a voz rouca,
Deitando fogo dos olhos
E fumaça pela bôcca,
Cada rugido que dava
A tropa ficava môca.

Ahi o official
Tratou logo de correr,
Disse á sua magestade :
Eu nada pude fazer
Pois o homem é encantado,
Quem fôr lá tem que morrer.

Disse o rei : agora eu vou
Quero ver esse leão
Ou esta serpente grande
Que causa admiração,
Agora tem de se ver
Se elle hoje é morto ou não.

Seguiu com cento e dez praças,
Quando chegou no jardim,
Foi dizendo : Moysaniel
Conheças que has de ter fim.
Moysaniel respondeu :
—Não ha Rei que mate a mim.

Pegou a folha de matto
E disse quero um tecido
De um mato cheio de espinho
Por todos desconhecido,
Que faça qualquer pessoa
Dentre elle ficar perdido.

De repente appareceu
Uma selva muito escura

Aonde não passaria
A mais forte creatura,
Então o rei disse: aqui
Mudou tudo de figura.

O rei logo que se viu
Dentro do matto trancado,
Vendo a hora e o instante
Que morria asphyxiado,
Chamou por Moysaniel
Com echo muito abafado.

Moysaniel perguntou-lhe:
O que quer a Magestade?
—Quero que você me acuda,
Tenha de mim piedade,
Estou morrendo aqui sem foiego
Me ajude por caridade.

Então Moysaniel disse:
Só lhe acudo se me dêr
A sua filha Angeltrina
Para ser minha mulher.
Disse o rei quasi morrendo:
Dou-lhe até tres se quizer.

D'agora em diante o senhor
Se tenha por genro meu,
Moysaniel desmanchou
A matta que appareceu,

Casou nesse mesmo dia
Eis o caso em que se deu,

Casou-se moysaniel
Tornou-se um homem feliz,
Depois morreu o monarcha,
A propria rainha quiz
Que elle fosse corôado
O rei d'aquelle paiz.

No dia do casamento
Moysaniel teve um sonho
Em que alguem lhe dizia :
«De tua sorte disponho,
«Ainda has de ter riqueza,
«Mas, contra isso me opponho,

«Desencantarás o rio
«Que se mudará em ouro
«Mas, gozarás pouco tempo
«O fructo desse thesouro,
«Pois teu pae irá soffrer
«E acordarás com um choro.»

O rio era uma mina
Que se mudara em banheiro,
Moysaniel acordando
Desencantou-o ligeiro,
E entre os ricos do mundo
Foi tido como primeiro.

Eu que contei a historia
Não sei quanto ganhei,
O nome de alcoviteiro
De um amigo já levei,
Este nome de onze letras
Que toda vida abusei.

Contar grandeza dos outros
Sem cousa alguma ganhar
E' fazer guizados optimos,
Dá aos outros e não provar,
Chama-se isso fazer cama
Para alheio noivo deitar.

Feitor eis aqui a historia
Exacta da Pedra Fina;
Angeltina e Moysaniel
Não desprezaram a signa,
Deus a elles protegeu,
Riqueza muita lhes deu
O desencante da mina.

Recife, Dezembro de 1909.

FIM



O Rei Miséria

Caro leitor, eu não gosto
De escrever historia séria
Porque as pessoas boas
Apreciam mais pilheria.
Sou obrigado a escrever
A vida do Rei Miséria.

Acabando esse trabalho,
Se acaso sahir bem feito,
Que qualquer leitor que leia
Fique amplo e satisfeito,
Tratarei dos filhos d'elle ;
Vou ver se a cousa tem geito...

Um homem corria a terra...
Depois de ter percorrido
As cinco partes do mundo
Em trajes de foragido,
Deu com uma habitação
Que ficou surpreendido,

Chegando numa montanha
Lá viu uma habitação ;
Uma côrte muito velha
Coberta só por melão.
Tinha um velho muito triste
Escorado num bastão.

O velho mettia medo
De longe até se espiar,
Só a presença do velho
Fazia a chuva parar,
Nem alma do outro mundo
Fazia tanto assombrar.

Magro que só urubú,
Muito mais feio que o perigo.
O couro era um casco secco
De quem veio por castigo,
Sujo que só monturo,
Pobre que nem um mendigo.

A casa muito de perto
Representava um vulcão,
Um gabinete que tinha
Parecia uma prisão,
Ou cemiterio de engenho
Quando havia escravidão.

Tinha um salão separado
De onde sahia fumaça

E granito de carvão
Que tomava toda praça,
Aonde havia uma velha
Feia que só a desgraça.

Tinha tão finas canellas
Que só as de um sabiá,
Cobertas de couro preto
A fórma de um jundiá,
As unhas dos pés da velha
Eram ver cará-cará.

A lingua estreita e comprida
Como a de um papagaio,
Para o logar que ella olhava
Via-se indício de um raio
Se balançando e descendo :
Me peguem senão eij caio.

A velha olhou-o e sorriu
Botando as presas de fôra,
Fechou e abriu outra vez...
Disse o homem :—vou-me embora,
Esta velha é a desgraça,
Nasceu por aqui ou mora.

Perguntou o homem ao velho
Com physionomia séria :
—Que morada é esta aqui?
E' habitação funerea?

Respondeu-lhe ; é uma côrte,
E eu sou o rei Miseria.

Esta velha que estás vendo
Feia e magra, é mulher minha,
Aquelle cêpo é um throno,
A velha é uma rainha,
E' aquella quem despacha
Papeis da sorte mesquinha.

E tudo obedece á ella,
Se humilha quando aqui passa,
O que ella manda fazer
Não ha mesmo quem não faça,
Aquella tem toda força,
E' a rainha Desgraça.

Aquella, todos que a vêem,
Correm d'ella, dão-lhe figa,
Aquella é quem tem a chave
Que abre as portas da briga,
Aquella planta barulho,
Nasce crime, odio e intriga.

Então disse o rei Miseria :
—Eu quero saber tambem
O senhor aonde mora,
A que negocio é que vem,
Se tem nome ou appellido,
Se é mandado por alguem.

—Eu me chamo Sabatani,
Venho do mundo da lua,
Nasci dentro de um fogão,
Criei-me no meio da rua,
Não poderás censurar-me
Minha vida é como a tua.

Vou por aqui sem destino,
Não foi ninguem que mandou,
O infortunio assim o quiz,
A sorte me auctorizou,
São ordens que ella me dá,
Onde ella mandar eu vou.

Já vi todos os phenomenos,
Do mundo, da humanidade,
Agora me falta vêr
A velha Felicidade,
A miseria vi agora,
Sua Real Magestade.

O velho lhe disse então :
Se acaso não quer sahir,
Eu ordeno ao meu vassallo
Que dê-lhe aonde dormir,
Querendo espere um pouquinho,
Deixe o pesadello vir.

Amanhã vou com você...
O homem ahi suspirou

E a rainha Desgraça,
Disse a elle; eu tambem vou.
Disse o homem: condemnada,
Vae morder quem te gerou!

Disse a elle o rei Miséria:
—Sae agora porque quer,
Querendo póde ficar
Commigo e minha mulher,
O tratarei como filho,
Dou-lhe tudo que quizer.

Disse o homem: meu amigo,
Eu lhe estou muito obrigado,
Da miséria corro eu,
Ando aqui ex-patriado,
Da desgraça Deus me livre,
Fique-se lá derrotado.

FIM





Os Filhos do Rei Miséria

Os filhos do Rei Miséria
Foram : Azar e Desgraçado.
Depois nasceram mais dois,
Sem Sorte e Desconsolado,
Depois nasceu a Derrota
Casou com mal Aditado.

Desse desditoso par
Foi que veio a geração
De official de justiça,
Juiz de orphão e escrivão
Fiscal e conductor de trem
Collector e sachristão.

Do official de justiça
Nasceu o advogado
Do juiz, nasceu o medico,
Do medico foi o soldado
Do soldado foi o frade,
Dizem que foi enganado.

O escrivão que se casou
Com uma mulher parteira
Tiveram d'esse consorcio
Um procurador de feira
Nasceu do procurador
Um cobrador de barreira?

Do cobrador de barreira
Nasceu o aferidor
D'este nasceu o alfaiate,
Do alfaiate o pintor
Do pintor, o funileiro
Parente do inspector.

Então casou-se o juiz
Com uma irmã de caridade
Esses tiveram dois filhos
Uma freira e um abade
A freira era muito bella
Casou-se com um tio mais tarde.

Então nasceu da biata
Um dentista e um ferreiro
Nasceu do ferreiro um chefe
O chefe teve um oleiro
O oleiro teve um carpina
O carpina um sapateiro.

Do fiscal nasceu o cego
E do cego a lavadeira,

E da lavadeira a ama,
Da ama a engommadeira
Da engommadeira o guia,
Do guia então a fateira.

Teve o sacristão dois filhos:
Leiloeiro e boticario,
De um d'esses, foi que nasceu
O primeiro missionario
Agora não sei dos dois
Quem gerou o secretario.

Parece que de um typographo
Foi que veio o conductor
Do conductor, o carteiro
Do carteiro o jogador
Do jogador veio o rato
E do rato o talhador.

O talhador se casando
Com a filha do marchante,
Do casal só houve um filho
Que foi o commerciante
Que nasceu com cada unha
Que só dente de elephante.

O collecter se casou
Com a mãe do machinista
Só tiveram 4 filhos.
Um guarda freio, um foguista,

Sendo o mais velho um ourives,
A caçula, uma modista.

Ninguém sabe de onde foi
Que vieram os trapicheiros
Domno de hotel, redactor,
Senhor de engenho e caixeiro.
Creio que estes foram feitos
Onde se fez o bicheiro.

Isso foi o que me disse
Pessoa que é muito séria
Homem que tem mil annos
E nunca soltou pilheria
Diz que esta tribu pertence
Aos filhos do Rei Miséria.

Diz elle : que está a par
Das obras do Creator
E' filho de um missionario
O primeiro pregador,
A mãe d'elle era uma freira
Filho de um coadjutor.

Esse dito velho disse :
Que correndo as escripturas
Encontrou a criação
De diversas creaturas
Diz elle que em alguns livros
Tem estampadas as figuras

Diz ellê que Deus fez tudo
Ficou com a obra perfeita
Appareceu o diabo
Pedindo a Deus a receita
Porque queria formar
A tribu de nova-ceita

Então Deus disse ao diabo :
Eu não fico satisfeito
A nova-ceita é um povo
Que nelle só tem defeito
Disse o diabo : deixe está
Que eu faço e fica bem feito.

Arromou praga de mãe,
Baba de um blasphemador
A crueldade de Herodes
O riso do trahidor
Misturando com veneneno
Eis ahi um pregador!

FIM

AVISO

Avisamos aos srs. negociantes que temos em deposito grande sortimento dos seguintes artigos:

— Livros em todos os generos e de auctores adoptados, ardosias, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata borrão, tintas para aquarella e de escripta, compassos e lapis para desenho, giz escolar, cadernos de calligraphia verical e americana, noções de desenho e pintura, borraças, furadores para papel, palhetas para instrumentos, giz marca "Elephante" para bilhar, caixas de papel e centos de envelopes, boletins escolares, cadernas para dictado, cordas para violão, bandolim, quadros, molduras e estampas, etc. „etc.

— Todos estes artigos encontram-se á venda pelos preços mais baratos possiveis

NA LIVRARIA

PEDRO BAPTISTA & Cia.

GUARABIRA

FOLHETOS

DE

Leandro Gomes de Barros

A VENDA NA LIVRARIA

Pedro Baptista & C.

- A Força do Amor
A morte de Alonso e vingança de Marina
A Filha do Pescador
Historia de Rosa e Lino. (O mal em paga do bem)
A Vida e o Testamento de Cacão de Fogo
A Mulher roubada
O Principe e a Fada
Hist. da Donzella Theodora
Hist. de Branca de Neve
Hist. de João da Cruz
O Boi Mysterioso
O Cachorro dos Mortos
Os sofrimentos de Alzira
O Reino da Pedra Fina
A India (Hist. de Caboclo Brabo)
A Orphã
A Vingança de um Filho
A Vida de Pedro Cem
A vida completa de João Lezo
O Nascimento de Antonio Silvino
A Vida e os Sermões do Padre Cicero
A Batalha de Ferrabraz e A Prisão de Oliveiros. (Tirados do livro de Carlos Magno)

Composto e impresso na Typ. da LIVRARIA PEDRO BAPTISTA - Guarabira.

Tiragem 1000 exemplares



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).